



O Passado em Preto e Branco: o futebol profissional em Maringá

José Cláudio Ortiz Júnior¹

RESUMO

O futebol está envolvido no cotidiano das pessoas, e em Maringá isso não é diferente. O tema O passado em preto e branco: o futebol profissional de Maringá tem como objetivo resgatar fatos históricos que aconteceram na cidade e mostrar como o futebol local já possuiu destaque estadual e nacional. Para isso foi utilizado o jornalismo como reconstrutor de história, e o veículo para divulgar isso para a população foi o rádio, devido à ligação que sempre existiu entre transmissões esportivas e o rádio. Pretende-se que com a elaboração desse documentário possa-se atingir jovens, informando-os de eventos importantes no futebol que aconteceram em Maringá, e que afetaram a sociedade da época e até os dias de hoje, divulgado divulgar a história do futebol profissional da cidade junto à sua população.

PALAVRAS-CHAVE: radiodocumentário, jornalismo esportivo, futebol.

O PASSADO EM PRETO E BRANCO: o futebol profissional em Maringá

Este trabalho resulta da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso, para a Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR, visando a realização de um radiodocumentário que aborde a história do Grêmio Maringá e de outras equipes que surgiram na cidade. A problematização centra na pesquisa de porque algumas equipes de futebol tiveram vida efêmera, enquanto outras sobreviveram por vários anos e conquistando títulos importantes, sendo, por isso, a parte principal do trabalho.

Não sendo da cidade de Maringá, alguns aspectos de sua cultura chamaram-me a atenção, um deles diz respeito à correlação existente entre o crescimento da cidade e a ausência de uma equipe de futebol que represente a tradição, cultural e econômica, como costuma acontecer com centros de referência regionais no Brasil e no exterior. Assim, buscar essas histórias, resgatar esses momentos do futebol maringaense, tornou-se uma determinante interessante como tema para o trabalho de conclusão de curso.

“O passado em preto e branco: o futebol profissional em Maringá” é uma alusão literal às cores que representaram o esporte profissional maringaense nas décadas de 60 e 70, do século passado. Os acontecimentos da época e posteriores tornaram-se uma incógnita a ser revelada através da pesquisa científica, procurando com isso estabelecer parâmetros que pudessem auxiliar a mim e à população maringaense na compreensão dos fatores responsáveis por esse aparente esquecimento. A partir das pesquisas bibliográficas que nos apresentavam a história do futebol, passaram a surgir histórias de

¹ Pós-graduando em Mídias Digitais pelo Centro Universitário de Maringá



jogadores das equipes maringaenses em seus momentos de glória. Associada à pesquisa bibliográfica, outras fontes, principalmente aquelas fontes orais, ex-jogadores, dirigentes e ex-dirigentes, se tornaram o ponto chave do trabalho.

Para apresentação dos resultados alcançados foi adotada a do jornalismo como elemento investigativo para a recuperação da história daquele que se tornou o mito do profissionalismo futebolístico em Maringá – o Grêmio Esportivo Maringá. Os resultados desses anos são recordados com nostalgia pelas velhas gerações. Essa idolatria por um passado marcado por conquistas de caráter regional, estadual e nacional sempre aflora quando se recorda o futebol profissional que marcou a cidade.

Com o intuito de buscar a valorização e a preservação dessa matéria sobre o esporte maringaense, foi adotado o comportamento de utilizar o jornalismo como forma de recuperação da história e, dentre as diversas formas de radiojornalismo, foi utilizado o radiodocumentário como veículo ideal para transmitir as descobertas e constatações ocorridas durante o trabalho de coleta de dados.

2. O RÁDIO

2.1 RÁDIO: UM VEÍCULO DE ALCANCE ILIMITADO

O rádio é um meio de comunicação massivo, e começou a ganhar esse espaço a partir da década de 1920, com o lançamento da Rádio Clube do Brasil. Historicamente o rádio passa a ocupar espaço como meio de comunicação durante os festejos do Centenário da Independência. No início a transmissão era basicamente constituída por discos e espetáculos, tornando-se elemento massificado a partir de sua penetração como elemento criador de necessidades consumistas em seus ouvintes.

Ainda segundo Ferrareto (2000), após décadas de papel preponderante como veículo de informação, ao entrar em “disputa” com a televisão principalmente a partir da década de 80, do século passado, a maioria das rádios passou a segmentar sua programação, atingindo de maneira mais direta seu público alvo e deixando claro que quanto mais segmentada for sua programação, mais fácil será para atingir o público visado, pressupondo com isso englobar aqueles os ouvintes ela não conseguiria atingir de outra forma.

Pensando-se em instrumentos de comunicação, o rádio parece ser um dos mais ilimitados, porquanto estimule apenas um dos cinco sentidos humanos, exerce um papel fundamental na interação entre o emissor e o receptor. É um meio ágil, de simples operação e altamente atualizador, pois permite que a informação seja transmitida quase simultaneamente à sua ocorrência. A rapidez na informação conquista o ouvinte, que acompanha um fato, através da notícia veiculada pelo rádio, no momento mesmo em que acontece. No entanto, exige certa participação ativa do ouvinte, pois o mesmo deve estar frente ao rádio no exato momento da transmissão, se essa lhe for interessante.

Na transmissão o que importa é o raio de abrangência, não se prendendo apenas à potência de transmissão, mas à capacidade de atingir os mais diferentes usuários, independente de formação cultural, social e regional. Nesse sentido, o rádio, exerce um grande papel “civilizador”, pois a informação quase que coocorrente com o evento faz com que uma grande parcela da população tenha a informação imediata.



Dadas as características geográficas e sócio-econômicas do Brasil, o rádio exerceu e ainda exerce papel extremamente significativo na divulgação e mobilização da população a respeito dos grandes eventos nacionais.

O sistema de radiocomunicação normal possui dois componentes básicos, que são o transmissor e o receptor. Essa aparente facilidade de utilização dos componentes faz com que o rádio seja, ainda hoje, um dos veículos de comunicação de maior penetração entre os habitantes de uma região, principalmente pela acessibilidade econômica do mesmo. Assim, integra-se à rotina diária dessa mesma população, apresentando um grande potencial de mobilização e divulgação. É neste sentido que o rádio assume o papel de veículo de comunicação de massas.

O sentido, às vezes, depreciativo do emprego da classificação como veículo de comunicação de massas é preconceituoso, pois o mesmo é um meio frio, não determinando o valor e abrangência da informação, mas sim o sistema que opera por trás dele.

Sendo considerado um veículo de comunicação de massa, o rádio tem uma audiência ampla e heterogênea, mas anônima. A mensagem depende da média do gosto e hoje o rádio tem um feedback muito grande, pois é o veículo pelo qual o ouvinte mais possui maneiras de interagir com o apresentador, por exemplo, por telefone. O rádio dá a opção de resposta imediata ao ouvinte uma vez que o emissor e o receptor, algumas vezes encontram-se separados por centenas de quilômetros e mesmo assim existem maneiras deles se comunicarem.

As formas de recepção são as mais diversas. As mais comuns segundo Ferrareto (2000) são: escuta ambiental, escuta em si, atenção concentrada e escuta por seleção. Na escuta ambiental o que o ouvinte busca são palavras ou músicas, mas não consegue se concentrar no que está ouvindo. Na escuta em si, o ouvinte presta atenção, mas realiza uma atividade paralela, não dedicando 100% da sua atenção ao que está sendo veiculado. Na atenção concentrada, o volume é mais alto que o som ambiente e o ouvinte presta atenção no que está sendo veiculado. Já na escuta por seleção, o ouvinte já sabe o que quer ouvir e o horário em que isso irá ocorrer, dedicando toda sua atenção a escutá-lo.

Considerando o caráter da abrangência e das formas de recepção, o ouvinte não precisa dedicar 100% de sua atenção, ele pode realizar outras atividades e mesmo assim ouvir a mensagem que está sendo veiculada. O rádio também exerce um papel que alguns veículos de comunicação não conseguem dar conta, que é a regionalização da informação. O rádio é o veículo mais barato e que mais aproxima a população de sua região, seja sua cidade, grande ou pequena, seja sua casa perto ou longe da cidade, mas ele atinge toda a cidade inclusive a parte rural.

É a partir desse encaminhamento ao esporte e da importância que o futebol tem na sociedade brasileira, principalmente nas últimas décadas do século XX, que o rádio conseguiu sobreviver, criando na população o costume de ouvir transmissões de jogos pelo rádio. Decorrente de sua facilidade de transporte, pois nem sempre é possível estar diante de um aparelho de televisão na estrada, mesmo as TVs portáteis, o rádio pode ocupar diversos espaços.



A parceria entre o rádio e o futebol foi benéfica para ambas as partes. Para o futebol, pois a divulgação radiofônica dos campeonatos e a transmissão de partidas fizeram com que o esporte se consolidasse ainda mais no país, uma vez que o rádio era capaz de atingir os locais mais distantes do país e pela questão da comodidade do ouvinte, que já não precisaria ir diretamente ao estádio para acompanhar o jogo, podendo ficar comodamente em casa para ouvir o jogo. Isso sem contar com o comportamento daqueles mais fanáticos, que além de presenciarem o jogo in loco, ouvem as narrações de seus locutores preferidos através dos famosos “radinhos de pilha”. São justamente as transmissões esportivas que servem como diferencial para algumas emissoras.

Outro ponto a ser destacado é justamente o fato de que pelo rádio, você pode acompanhar qualquer evento esportivo ligado ao futebol, independente da região em que se encontra e o local no qual ocorre a partida. É interessante, ainda, observar a forma como futebol é narrado pelos locutores esportivos, que criam uma espécie de “suspense” a respeito das jogadas que o mesmo observa em campo, bastante diferente da forma como é apresentado na TV, quando o comentarista dedica-se apenas a relatar, de forma comedida, os atos que ocorrem no interior do gramado.

2.2 GÊNEROS E FORMATOS

O gênero jornalístico é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar as informações de seu público, por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Os gêneros jornalísticos do rádio podem ser apresentados em três categorias segundo Ferrareto (2000): informativo, opinativo e interpretativo. No informativo o fato não possui muitos detalhes, não é muito aprofundado, é o gênero de noticiários e boletins. Já o opinativo, interpreta e opina sobre o tema, mas com ligações com outras temáticas sem ser apenas a temática apresentada, possui tratamento diferente. Já o interpretativo tem como objetivo prender a atenção do ouvinte e utiliza de recursos como sonoplastia, dois formatos que se enquadram nesse gênero é a reportagem em profundidade e principalmente o documentário.

Segundo Ferrareto (2000), o radiodocumentário não é muito utilizado no Brasil, mas é uma das formas de se abordar determinado tema ou assunto de uma maneira mais aprofundada. É ele um instrumento que se fundamenta na pesquisa e análise de dados e arquivos sobre um fato importantes.

O radiodocumentário é a verdadeira análise a respeito de um tema restrito ou específico, tendo como função aprofundar determinado assunto, sendo construído pela participação de um repórter condutor. (BARBOSA FILHO, 2003). A eficácia de um documentário define-se pela mescla da pesquisa documental, a medição dos fatos in loco, o comentário dos especialistas e envolvidos nos acontecimentos, a partir de uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual.

Apesar de ser pouco utilizado na América Latina, esse tipo de transmissão deve ser ocasional, ligando-se diretamente à ocorrência de um fato que mereça, por sua relevância, um tratamento diferenciado ou pela comemoração de uma data de importância histórica. A mesclagem da fala do jornalista com a participação de testemunhos, os quais emitem opiniões contrárias entre si permite a reflexão sobre o tema. O documentário não deverá ultrapassar em uma hora sua duração.



Por suas características peculiares, permitindo a miscigenação de depoimentos de várias origens, somadas à fala do jornalista, o radiodocumentário apresenta-se como um instrumento extremamente eficaz na análise das causas da decadência do futebol maringaense. A busca de depoimentos de atletas ligados às conquistas futebolísticas ocorridas nas décadas de 1960 e 1970, bem como de outros que atuaram como dirigentes, os “cartolas” do futebol, farão com que se possa elucidar os motivos que ocasionaram a perda de uma tradição tida como gloriosa pelo povo maringaense.

2.3 O JORNALISMO RADIOFÔNICO

O jornalismo, o esporte e prestação de serviço só aparecem de maneira mais destacada no rádio a partir de 1950. Para não perder seu espaço para novos meios de comunicação, o rádio abre as portas para as entrevistas, o esporte, o jornalismo e a prestação de serviços. Isso acaba por se consolidar entre 1960 e 1970, quando os feitos da seleção brasileira de futebol colocam em evidência o futebol, através da transmissão pelo rádio.

Segundo Ferrareto (2000), a reportagem esportiva no rádio ainda se aproximava da crônica esportiva, mas em 1970, a cobertura esportiva começa a se profissionalizar e deixa de ser opinativa e passa a ser objetiva, isso se deve também aos setoristas que começaram a acompanhar os clubes.

2.4 O RÁDIO EM MARINGÁ

O processo de formação da cidade de Maringá é marcado pelo intenso movimento migratório, coordenado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que faz com que as terras do futuro município fossem divididas em glebas gerando um grande número de propriedades e um número marcante de migrantes. Neste cenário torna-se de suma importância a presença do rádio, como forma de integração e mobilização das populações rurais para o desenvolvimento da cidade.

A radiodifusão foi o elemento de ligação entre os vários setores que existiam no início da colonização do município, tornando-se, também, responsável pelo crescimento da cidade, ainda distrito de Mandaguari. “Isso porque nos tempos modernos, nenhuma comunidade pode desenvolver-se sem que conte com os recursos dos veículos de comunicação social: imprensa e rádio principalmente”. (ALTOÉ, 2007, p. 70) Para o mesmo (2007), a maior missão do rádio é a de preencher as lacunas deixadas pela imprensa escrita, principalmente se considerar as dificuldades de divulgação da mensagem escrita - difícil acesso da mesma, grande massa da população constituir-se de pessoas analfabetas. Outro fator a considerar sobre a importância do rádio nas comunidades nascentes é o caráter cultural oral das tradições brasileiras.

Nessa fase, os jornais e rádios acabavam trabalhando juntos na construção da cidade que hoje se conhece. O rádio às vezes se antecipava à imprensa, justamente por possuir características de informação “perceível” e imediata, cumprindo de forma mais imediata a “missão” de informar e mobilizar a população a respeito de determinados aspectos. Na integração da população maringaense, através da comunicação coletiva destacam-se homens como: Samuel Silveira, Mário Clapier Urbinatti, Helenton Borba Cortes, Francisco Rocamora, Joaquim Dutra e Ivens Lagoano Pacheco, entre outros tantos que ajudaram na consolidação da imprensa em Maringá.



A Rádio Cultura é a pioneira entre as emissoras de rádio de Maringá, lançada ao ar em 1951, praticamente junto com a transformação de Maringá em município. O responsável pelo seu lançamento foi Samuel Silveira, seguindo o surgimento das emissoras: Rádio Jornal, a Rádio Difusora e a Rádio Atalaia. A emissora tinha como um dos responsáveis, Francisco Rocamora, que além de locutor de estúdio, era também locutor esportivo.

3. JORNALISMO ESPORTIVO

3.1. O JORNALISMO ESPORTIVO: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL.

O jornalismo esportivo no Brasil começou não com a cobertura do futebol, conforme muitos pensam, mas com a utilização de pequenos espaços nas rádios, os quais eram disponibilizados ao esporte. No início do século XX, a prática desportiva que chamava a atenção dos comentaristas voltados para o esporte, era o remo, uma vez o futebol não possuía a importância que possui hoje entre os brasileiros. Pouca gente acreditava que um dia o futebol se tornaria referência num país como o Brasil.

Segundo Coelho (2008), o jornalista esportivo sofre dois riscos. O primeiro é o de perder a paixão pela área, ou seja, deixar de ser aquele garoto de doze anos que era apaixonado pelo esporte e que o motivou a buscar a carreira de jornalista esportivo. O outro risco é o de se achar mais importante que o esporte, considerar sua imagem mais importante que as notícias merecedoras de serem veiculadas e, também, as informações que devem ser transmitidas, ocasionando a derrocada profissional de um jornalista, seja ele esportivo ou não.

Jornalismo é muito mais que apenas apurar informações, é, também, transmitir essa informação com qualidade ao receptor. As emissoras de rádio da década de 70 possuíam um faturamento condizente com aquilo que faziam. Sempre havia um repórter junto aos principais clubes do estado nas viagens que essas equipes faziam. O esporte não era visto como notícia e foi a com CBN, por volta da década de 70, que isso mudou. Começou pela adoção do modelo italiano, transmitindo a rodada inteira do campeonato e não apenas um jogo, como acontecia no Brasil.

3.1.1. A contribuição do jornalismo esportivo à imprensa no Brasil

A imprensa esportiva no Brasil, em seu início não dava atenção nenhuma ao futebol, e seria até absurdo se pensar em falar desse esporte que não possuía nenhum reconhecimento no país. As poucas notícias de esporte que entravam nos jornais eram sobre críquete, turfe, remo e ciclismo. O futebol não fazia parte dos esportes da alta sociedade brasileira, e por isso não era notícia.

O marco para a imprensa esportiva brasileira foi o ano de 1902, quando o futebol passou a ser notícia importante nas páginas dos principais jornais de São Paulo. De acordo com Ribeiro (2007), no começo a informação tinha que ser divulgada de maneira objetiva dizendo apenas o jogo, o local e o resultado. Outro fato que segundo Ribeiro chamava atenção é que poucas reportagens dessa época eram assinadas, a maioria usava pseudônimos para assumir a autoria do texto.



O dia 3 de maio de 1902 é marco para os repórteres que acompanhavam o nascimento do novo esporte, em decorrência da primeira partida do Campeonato Paulista de Futebol. No início do século XX, refletia-se sobre os benefícios e mazelas que tal esporte poderia trazer para a sociedade, ficando clara a divisão social que o esporte acarretava.

O Guia de Foot-ball escrito por Mário Cardim era utilizado pelos redatores escalados para cobrir os jogos do campeonato. Em São Paulo, Mário Cardim e o Estado eram referência na imprensa esportiva nessa época. Já no Rio de Janeiro não existia nenhum nome para impor seu estilo, porém na capital fluminense um jornal percebeu a popularidade do futebol e decidiu tornar-se o “porta voz” do futebol do Rio de Janeiro.

Com o crescimento do futebol, surgiram vários jornais e revistas para tratar do esporte. Com o surgimento de jornais específicos começam a surgir também notícias dos bastidores do esporte. Já em 1910, o “nobre esporte” trazido por europeus passava a dar destaque também para craques brasileiros que se destacavam nos novos clubes que eram criados na época.

A popularização do futebol dentro e fora dos campos havia mudado o cenário nas redações, fazendo surgir uma verdadeira corrida pela informação. Para defender seus clubes, sócios eram nomeados como “porta-vozes”, que no começo não eram remunerados e eram escalados apenas para comentar a atuação de seus clubes. Nesta época havia ainda uma guerra entre as imprensas esportivas das duas principais cidades do país.

Ainda longe de fazer coberturas nacionais e internacionais, o repórter esportivo, porém começava a se sentir prestigiado. Esse prestígio cresceu após a entidade que representava os jornalistas paulistas ganhar apoio político e um ano após sua fundação, a Associação dos Cronistas Esportivos mostrou sua força ao conseguir impedindo a eliminação do Palestra Itália.

Essa paixão pelo esporte se devia também ao crescimento da imprensa esportiva. A televisão começava a ser usada para atrair ainda mais torcedores para a discussão em torno do futebol. Mas o que mais atraía o torcedor continuava sendo o jornal e o rádio. Algumas contribuições no jornalismo esportivo surgiram com o jornal Última Hora, que acabou publicando pela primeira vez na história da imprensa esportiva nacional uma foto colorida de um time de futebol estivesse na capa do jornal.

Em 1954, foi criada a Sport Press, primeira agência de notícias esportivas do país. Além da primeira agência esportiva, outras novidades surgiram na imprensa esportiva como a Gazeta Esportiva Ilustrada, Ídolos do Futebol Brasileiro, além da Manchete Esportiva. Além de todas essas surgia uma pequena revista Vida de Crack, com grande penetração no período que existiu, uma vez que com o avanço da televisão e do rádio, as revistas passaram a ser dominadas por grandes corporações.

O rádio esportivo seria o responsável por transmitir o surgimento do “rei do futebol” e da primeira conquista de uma Copa do Mundo pelo futebol brasileiro, na Copa da Suécia. Ainda na década de 1950, o prestígio na imprensa esportiva representava poder, especialmente nos bastidores políticos do futebol.



No final dos anos 1960, era comum haver reportagens polêmicas sobre o futebol, além da qualidade dos repórteres outra coisa que contava a favor destes era o padrão que normalmente dava suporte ao jornalista em caso de denúncias, caso contrário ficaria difícil a publicação de denúncias contra os cartolas do futebol brasileiro. A falta de liberdade de imprensa em diversas redações fazia com as seções esportivas fossem um espaço aberto para a criatividade e ousadia reprimidas em outras editorias dos jornais, rádios e televisões.

Já na década de 1970, uma das revoluções na imprensa esportiva brasileira foi o surgimento do caderno de esportes do Jornal da Tarde, a sessão de esporte tinha como missão romper com a linha editorial existente na época, praticada há anos, determinando que quem quisesse trabalhar no JT teria que trabalhar apenas no jornal. Em pouco tempo, o Jornal da Tarde era uma referência no jornalismo esportivo e passou a vencer os principais prêmios destinados à cobertura esportiva na época.

A partir das transmissões da Copa do Mundo do México, em 1970, a televisão vai gradativamente conquistando o espaço que antes era ocupado pelo rádio. A difusão das torres retransmissoras de televisão pelo interior do país, bem como o aspecto chamativo de poder ver seus atletas preferidos em ação em uma competição esportiva fez com que grande quantidade de receptores de eventos esportivos através do rádio migrasse para a televisão. Assim, os grandes eventos esportivos, como Jogos Olímpicos, Copas do Mundo, Campeonatos de Fórmula 1 e outros se tornaram eminentemente televisivos, provocando em alguns desses esportes até mudanças de regras e nos horários dos eventos para se adequar à programação televisiva. Ao radiojornalismo esportivo restou a cobertura de eventos menos importantes, apesar de muitas emissoras manterem suas equipes de cobertura esportiva ativa e atuando nesses espaços ocupados pela televisão.

3.2. DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO ESPORTIVO.

O desenvolvimento das comunicações também atingiu o jornalismo esportivo determinando modificações significativas em sua atuação. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), uma dessas práticas é o chamado Plantão Esportivo, bastante comum ainda hoje em algumas rádios do interior. Na televisão, por exemplo, ele foi adaptado, as emissoras de televisão colocam os gols da rodada, à medida que eles vão ocorrendo, sempre aparecem os resultados dos demais jogos durante uma transmissão futebolística. Era por meio desses Plantões Esportivos que algumas informações importantes chegavam ao ouvinte de rádio ou até ao locutor esportivo. Com o desenvolvimento da tecnologia de informação e a quantidade de informações existente nos dias atuais, a tendência é fazer desaparecer o Plantão Esportivo.

O jornalismo esportivo é dinâmico, e um jornalista esportivo competente precisa saber utilizar o recurso do improviso.

Os altos investimentos e a evolução dos equipamentos ajudaram de forma bastante significativa no desenvolvimento das transmissões esportivas e na qualidade final do produto apresentado. Em razão disso observou-se avanços no campo do radiojornalismo.



Segundo Barbeiro e Rangel (2006), a evolução tecnológica ajudou na busca de pautas, com a riqueza de detalhes disponíveis nos dias atuais, com isso o número de pautas aumentou consideravelmente em relação a tempos anteriores. Cumpre salientar que a informação deve estar sempre junto com a tecnologia, não se pode utilizar da tecnologia para distorcer o fato ou dar-lhe uma interpretação totalmente diferente da real interpretação. Por isso, informação e tecnologia devem sempre estar juntas, uma complementando a outra. Essa tecnologia pode ainda criar uma espécie de nova área no jornalismo esportivo, uma área mais estatística, com número de chutes a gol, tempo de posse de bola, tudo isso graças ao desenvolvimento tecnológico presente nos dias de hoje.

3.3. JORNALISMO ESPORTIVO E JORNALISTA ESPORTIVO

O jornalismo esportivo normalmente é confundido com o puro entretenimento. Mas esse tipo de jornalismo tem suas especificidades. De acordo com Rangel e Barbeiro (2006), para se entender tal modalidade de jornalismo é preciso antes compreender o que é esporte, de forma clara e inequívoca. Ao contrário do que possa parecer, a competição esportiva deve ocorrer entre seres humanos e suas habilidades.

Para desfazer a imagem negativa que ainda existe com relação ao jornalismo esportivo, é preciso não confundir pequenos boletins informativos com reportagem esportiva. O jornalista esportivo está muito mais bem preparado hoje, assim ao iniciar o trabalho em uma redação, rádio ou televisão o mesmo já traz consigo um conjunto de valores que lhe permite atuar de forma mais eficaz e profissional.

Em palestra realizada em São Paulo, em março de 2009, Paulo Vinicius Coelho (PVC), comentarista do canal esportivo ESPN Brasil, afirmou que jornalista não possui amigos e sim fontes, e deve saber a fronteira entre eles, para não acabar confundindo as coisas.

O uso de perguntas longas e complicadas acaba atrapalhando o entrevistado e aqueles que estão interessados na matéria. A edição de conteúdo, seja no rádio seja na TV, ajuda a fazer a carreira de um jogador, o qual pode se tornar herói ou vilão, dependendo das imagens ou entrevistas que são usadas pelos meios de comunicação. (Rangel e Barbeiro (2006).

A linguagem no esporte é outra coisa a que Rangel e Barbeiro (2006) chamam atenção. Quando se iniciaram as transmissões esportivas, as narrações eram pura emoção, diferente das narrações europeias, que eram mais informativas e menos empolgantes.

Retomando o que é afirmado por Rangel e Barbeiro (2006), no passado os narradores esportivos eram identificados como showmen, justamente por fazer do espetáculo esportivo uma peça, muitas vezes quase dramática, em razão dos momentos de suspense ou de “exagero” na forma de narração. Toda a equipe esportiva girava em torno desse apresentador, responsável pela existência mesma do grupo, por ser o gerador de audiência. O rádio jornalismo esportivo precisa passar por uma série de mudanças, uma vez que o modelo ainda encontrado nesse tipo de transmissão esportiva é o mesmo desde o começo das transmissões, tal comportamento depende da postura dos novos jornalistas. A troca do apresentador “showman” pelo narrador esportivo, para



buscar romper esse velho modelo, buscando novos enfoques, novos modelos e mantendo a credibilidade que o velho modelo conquistou entre os ouvintes. Seria a conjunção do bom senso com a fidelidade e a ética do jornalismo esportivo.

É importante que as equipes de jornalismo esportivo se envolvam com a cultura do esporte, desenvolvam pesquisas, bibliografias, arquivos na internet. Não é necessário saber de tudo, mas é necessário saber aonde possa ter as informações necessárias para uma boa transmissão.

No momento de externar suas opiniões a respeito do que ouve ou vê, caberá ao jornalista manter a isenção necessária para dar credibilidade a suas informações, mesmo quando isso envolva preferências pessoais.

3.4. JORNALISMO ESPORTIVO E RESGATE DA HISTÓRIA

Apesar de o jornalismo esportivo estar associado a uma cobertura in loco e ao vivo, suas técnicas podem muito bem ser utilizadas em reportagens investigativas, esclarecendo aspectos interessantes de determinado esporte. Neste trabalho não ocorre nenhuma cobertura de evento esportivo, mas o resgate da história de um determinado momento da vida esportiva de uma cidade e região.

A utilização de entrevistas, próprias do jornalismo esportivo, faz com que, fatos esquecidos ou não conhecidos, sejam recuperados, trazendo à tona situações que marcaram a história. A maneira como foram conduzidas as entrevistas, que resultam de depoimentos, muito mais que simples respostas ao perguntado, complementam as informações resultantes de leituras de obras que tratam da história. É nesse momento que fatos, muitas vezes ocultados, podem vir à tona, revelando os valores que nortearam as grandes conquistas esportivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de divulgação do que foi encontrado recaiu sobre o rádio por sua ligação direta com o futebol, devido aos interesses do pesquisador e pela forma como as informações encontradas podem ser repassadas para a população de maneira rápida e bastante acessível a todos.

No aprofundamento do tema proposto foi possível ver como o futebol faz parte do cotidiano de Maringá, sempre existem notícias e especulações sobre novos times, times antigos que estariam regressando às atividades, mostrando a carência e a nostalgia que o torcedor maringaense tem pelo esporte, em especial, o futebol.

A análise da pesquisa e das entrevistas revelou muito além do que se imaginava encontrar quando no início deste. Aquilo que se poderia, imageticamente, chamar de porões do esporte revelou um conjunto de circunstâncias de caráter econômico e gerencial, extremamente agravantes e opostas ao desenvolvimento do futebol profissional em Maringá.

Segundo depoimentos dos atletas ouvidos para a preparação deste trabalho e de jornalistas ligados ao esporte, a visão empresarial de que se revestiu o futebol nas últimas décadas, associada a um ambiente de descaso das entidades representativas da



área esportiva, especificamente do futebol profissional do interior, levaram as sucessivas associações esportivas de Maringá à bancarrota. Pesa também a contribuição do comportamento aventureiro de alguns dirigentes que, viram o futebol apenas como uma fonte de renda particular e geradora de dividendos políticos.

No caso deste trabalho, a pesquisa restringiu-se apenas à cidade de Maringá e à sociedade adepta do esporte, revelando como as conquistas que fizeram da cidade um nome respeitável nesta área e sempre presente nos principais campeonatos do passado interagem com uma população saudosista das conquistas dos Grêmios ligados a Maringá.

Chega-se à conclusão de que o passado do futebol local acaba por interferir de maneira nem sempre positiva. Os novos clubes surgidos na cidade sempre carregam a responsabilidade de ter que substituir uma equipe que foi vencedora em sua época.

REFERÊNCIAS:

ALTOÉ, Geraldo. O rádio em Maringá: pioneirismo, o alcance e a bela trajetória do mais ágil meio de comunicação social. Maringá: Clichetec, 2007.

BARBEIRO, Herótodo; RANGEL, Patrícia. Manual do jornalismo esportivo. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA FILHO, André. . Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

CESAR, Cyro. Rádio: a mídia da emoção. São Paulo: Summus, 2005.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. Radiojornalismo. São Paulo: Summus, 1998.

COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo Esportivo. São Paulo: Contexto, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. Tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro, Ed Jorge Zahar, 2005.

FRANCO, Hilário Jr. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

LIMA, Reginaldo Ferreira de; VIEIRA, Ortílio C.. A história do futebol profissional de Maringá. Maringá: Sthampa, 2005.



MCLEISH, Robert; SILVA, Mauro. . Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. 2.ed. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, André. Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo. Terceiro Nome. 2